AGRICULTURA FAMILIAR NA ITÁLIA (1)

Cleber Bueno Guerra (2)

As "impressões de viagem" apresentadas a seguir decorrem da missão técnica de 26 brasileiros enviados à Itália pelo PRONAF, com 6 Capixabas da SEAG/Emcaper, objetivando visitar a Feira de Bolonha-(SANA) e propriedades com certificação orgânica, além de procurar conhecer as barreiras que se colocam às exportações de produtos da nossa agricultura familiar para o mercado europeu.

Após 1ª Guerra Mundial, a reforma agrária prometida como recompensa aos agricultores pela resistência armada, além de não se concretizar, sofreu duro golpe com o Fascismo, criado também para bloqueá-la. Seguiu-se a ditadura de Mussolini (1922), início da 2ª Guerra (1939) e a ocupação Nazista, (1943). Somente após a 2ª Guerra a tão almejada reforma agrária Italiana foi realizada, com reflexos diretos no atual estágio de desenvolvimento da região norte e da agricultura familiar, que apresenta uma média de 7,0 hectares por propriedade. Nos cem anos que se seguiram à unificação da Itália, concluída em 1870, foram "exportados" 25 milhões de Italianos, dos quais 13 para fora da Europa.

As riquezas do patrimônio histórico, artístico e cultural tornaram o turismo uma das mais importantes fontes de renda da economia, contribuindo com cerca de 5,5% do PIB, valor superior, portanto, ao do setor agrícola, em torno de 3,3%. O Agroturismo, por sua vez, acha-se em franca expansão, não tanto pelas políticas públicas específicas, mas pelos subsídios à diversificação das atividades.

É alto o nível cultural, tecnológico, gerencial e organizacional dos agricultores familiares. As Cooperativas, Associações e Consórcios organizam a produção e os mercados, movimentando 65% da produção total e 80% no caso específico do leite. Toda produção dos cooperados é entregue à Cooperativa. A importância do Cooperativismo pode ser avaliada pela trajetória da IPERCOOP: criada para comercializar produtos agrícolas, foi absorvendo empresas varejistas até se tornar uma das maiores redes de hipermercados da Itália, com o faturamento atual superior ao do grupo FIAT.

As Regiões visitadas (Emília Romana e Vêneto) apresentam baixa taxa de desemprego (cerca de 3,5 %, isto é, ¼ da média Italiana), predominando trabalho qualificado e de alto custo. Um operário agrícola ganha cerca de U\$ 15,00/hora e diante do pequena área da propriedade é vital que 1 ou 2 pessoas da família trabalhem fora para aumentar a renda

A Comunidade Econômica Européia (CEE) sempre foi criticada pelos altos subsídios à sua agricultura, pagando para evitar superprodução e garantir estabilização dos preços, através do rígido sistema de cotas e preços pré-fixados. Em função dos atuais excedentes, tem-se deixado o próprio mercado ditar as regras, direcionando estes subsídios decrescentes para produtos típicos, orgânicos e biológicos. Para enfrentar o sério problema da sucessão familiar nas propriedades e manter o equilíbrio entre cidade e campo, a CEE paga o bônus de US\$ 22.000 para estimular jovens a ficar no meio rural.

A agricultura orgânica na Itália foi a que mais cresceu no mundo, já representando cerca 5% do total da área cultivada e 8% do faturamento de produtos agrícolas. Esta expansão pode ser medida pelo crescimento do número de empresas certificadas: 156 em 1996; 15.000 atualmente e 50.000 previstas para 2.005. O Governo Italiano apoia este sistema também pelo interesse em estabelecer um diferencial com os produtos importados de Países que usam agrotóxicos e mão de obra barata, além de reconhecer que um terço dos consumidores europeus já se dispôe a pagar mais caro por estes produtos.

É baixo o nível de organização dos consumidores Italianos, prevalecendo uma frágil relação de confiança do consumidor com a marca, apesar do mercado já exigir a garantia de uma 3ª certificadora independente.

O Mercado Solidário tem crescido muito, em toda a Europa. Com a mentalidade de que não se consume apenas o produto, mas o projeto, veio para valorizar aspectos éticos; melhor distribuir dividendos na cadeia produtiva; desenvolver tecnologias adequadas; garantir suprimento do mercado interno e, acima de tudo, priorizar produtos típicos, orgânicos e biológicos. A CEE tem emitido sinais que incentivará este novo tipo de mercado, através de subsídios para cooperação internacional, apoiando países do 3º mundo, só que, possivelmente, privilegiando produtos típicos da importação européia.

Quanto aos organismos geneticamente modificados (OGM), a Europa admite estar tecnologicamente despreparada para um confronto direto com os EUA, mas, procura ganhar tempo, investindo em pesquisa. Aposta na polarização entre os OGM e Produtos Orgânicos, com nítida tendência de consolidação de dois mercados bem distintos: com e sem OGM. Vive-se lá também outro conflito: enquanto na Itália os OGM são proibidos, a União Européia, no geral, é mais flexível, trabalhando algumas restrições, mesmo assim, só depois dos episódios da Dioxína nos frangos e da Vaca Louca.

A Água é o elemento mais escasso, cabendo ao Governo obras de infra-estrutura, como abertura dos canais principais, além do serviço de limpeza dos canais de distribuição. Predomina a irrigação por gotejamento, mais econômica, pagando-se caro pelo seu uso.

A Pesquisa Agropecuária é executada, na sua maioria, pelas Universidades (90%) e financiada com recursos do Governo/CEE, em cerca de 50%, complementados pela iniciativa privada. A Assistência Técnica, por sua vez, é toda prestada pelas Associações, Cooperativas ou Consórcios, numa relação média de 1 Técnico para 50 agricultores. A ajuda do Governo à agricultura familiar dá-se de forma indireta, através de isenção de impostos ou redução tributária às suas organizações representativas.

Ao final, conclui-se que é enorme o desafio para as exportações dos países do 3º mundo para o mercado europeu, pois, apesar da atual tendência de quedas nos subsídios, as regras da Política Agrícola Comum (PAC) são

eficazes na proteção e valorização dos produtos da agricultura familiar européia. A não ser com muita competência técnica, organização da produção, marketing e processo de certificação avançado, além de começar pelos produtos em que aqueles países assumem as limitações em produzi-los.

- ⁽¹⁾ Publicado em A Gazeta, Vitória/ES, 20/10/2000.
- (2) Eng. Agrônomo do Incaper/Mepes.

O NOVO DO PRONAF (1)